



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA Cinemateca Júnior

THE WIZARD OF OZ / 1939

(O Feiticeiro de Oz)

Um filme de VICTOR FLEMING

Realização: Victor Fleming (e, não creditado, King Vidor) / **Argumento:** Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf, baseado no romance homónimo de Frank L. Baum / **Fotografia:** Harold Arlen / **Canções:** “Over the Rainbow”, “Ding Gong”, “The Witch is Dead”, “Munchinland”, “We’re off to See the Wizard”, “Follow the Yellow Road”, “If I Only Had a Brain”, “If I Only Had a Heart”, “If I Only Had the Nerve”, música de Harold Arlen e letras de E.Y. Harburg; “Optimistic Voices”, “Gates of Emerald City”, “The Merry Old Land of Oz”, “If I Were the King of the Forest”, música de Herbert Stothart, letras de E.Y. Harburg / **Coreografia:** Bobby Connolly / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons e William A. Horning / **Montagem:** Blanche Sewell / **Efeitos Especiais:** Arnold Gillespie / **Interpretação:** Judy Garland (Dorothy), Ray Bolger (o Espantalho / Hunk), Jack Haley (o Homem de Lata / Hickory), Bert Lart (o Leão / Zeke), Frank Morgan (o Feiticeiro de Oz / o Professor Marvel), Margaret Hamilton (a Bruxa Má / Miss Gulch), Billie Burke (Glinda / a Fada), Charles Grapewin (o Tio Harry), Clara Blondick (a Tia Ema), etc.

Produção: Mervyn Le Roy (e Arthur Freed) para a METRO-GOLDWYN-MAYER / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, sêpia e technicolor, legendada em português / **Duração:** 101 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 9 de Agosto de 1939 / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, a 13 de Dezembro de 1940 / **Reposição comercial:** Cinema Alvalade, a 3 de Abril de 1981.



«O Feiticeiro de Oz» é um dos mais populares livros para a infância, de sempre. Escrito pelo americano Frank Baum e publicado em 1900, transformou-se num sucesso de vendas que levou o autor a continuar a saga por mais de uma dúzia de histórias. Naturalmente um sucesso literário deste calibre tornou-se, de imediato, alvo da atenção do teatro (logo em 1903 seria adaptado em forma de musical) e de uma nova arte que naquele mesmo ano mal começava a andar com os seus cinco anos de existência: o cinema.

Várias versões cinematográficas se fizeram de **O Feiticeiro de Oz** ainda durante os tempos do mudo, e não menos aconteceram durante o sonoro, mas nenhuma foi tão perfeita e teve o sucesso daquela que vamos exhibir, feita em 1939, o chamado «ano mágico» de Hollywood (e talvez não seja um acaso, o facto deste filme ter sido feito nessa data), o ano desse filme símbolo do trabalho dos estúdios que foi **E Tudo o Vento Levou**. Uma das versões mais recentes data de 1978, chamava-se simplesmente O Feiticeiro, e tinha como intérprete da personagem do «Espantalho» um nome bem conhecido da música «pop», nem mais nem

menos do que Michael Jackson, ainda com a sua «cor» natural e cinco anos antes de fazer o revolucionário teledisco **Thriller**, ao lado da não menos famosa Diana Ross no papel da heroína. A versão que vamos ver, realizada por Victor Fleming (que foi também quem fez o referido **E Tudo o Vento Levou**) tem também um nome famoso da música à frente do elenco, interpretando a figura de Dorothy: Judy Garland, que foi também a mãe de Liza Minnelli.

Não deve haver pessoa que não conheça a história do «Feiticeiro de Oz»: a jovem Dorothy, que vive com a família e os amigos (entre eles o seu cão Totó) numa quinta no Kansas, é surpreendida por um ciclone e levada pelo tornado para o estranho reino de Oz. Para regressar à sua terra, Dorothy terá de ir à Cidade de Esmeralda para interceder junto do «Grande Feiticeiro de Oz». Pelo caminho que a leva a essa cidade, a «Estrada de Tijolos Amarelos», Dorothy vai encontrar três figuras singulares, um Espantalho, um Homem de Lata e um Leão, que a acompanham para pedirem ao Feiticeiro os atributos humanos que julgam faltar-lhes: um cérebro, para o espantalho pensar, um coração para o Homem de Lata amar e coragem, para o Leão lutar. Terão também de enfrentar não poucos perigos e, inclusive, combater a «Bruxa Má», apostada em roubar os sapatos de rubi que a «Fada Boa» dera a Dorothy.

À história, maravilhosamente adaptada ao cinema, juntam-se outros factores que contribuíram para o seu triunfo. Desde logo a figura e a belíssima voz de Judy Garland que este filme transformou numa «estrela» do dia para a noite. Logo ao começo, Judy entoava a melodia que se tornará um motivo recorrente em toda a sua vida, e que costumava cantar nos dias de aniversário: a famosa «Somewhere over the Rainbow» (Alguns para lá do Arco-Íris). Temos depois a prodigiosa fotografia e a forma original como ela é apresentada. O filme começa a preto e branco (no original era um tom mais ou menos sépia), que ilustra a vida de Dorothy no Kansas. Depois, após Dorothy «aterrar» no país de Oz, surge a cor no deslumbrante Technicolor da época. No final da aventura, com o regresso de Dorothy ao Kansas, voltamos ao preto e branco. Música, cor, humor, fantasia, tudo junto para um espectáculo total, verdadeiramente deslumbrante que fica na memória de todos os que o viram, vêem ou verão.

